IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

AUTOHISTÓRIAS DE CORPOS DISSIDENTES DE GÊNERO E AFETIVIDADE EM (RE)EXISTÊNCIA NO IFSP[1]

Eixo Temático* *EIXO 02 - A TEMÁTICA DE GÊNERO E SEXUALIDADES NO COTIDIANO DOS INSTITUTOS FEDERAIS DE EDUCAÇÃO: INTERVENÇÕES E DESLOCAMENTOS

Rene Will Gonçalves Bernardes[2]

RESUMO

Este trabalho apresenta um projeto de pesquisa de autohistórias de (re)existência, produção de vida e sonhos de estudantes e servidores dissidentes de gênero e afetividade no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), a partir do método (auto)biográfico (Passeggi; Souza, 2017) e da mediação de processos criativos audiovisuais. Apresenta seu referencial teórico, a partir dos conceitos de cisnormatividade e Cistema (Vergueiro, 2015), o ato de nomear a norma (Mombaça, 2016), cis-heterossexismo (Carvalhal; Santana, 2023), ideologia (Patto, 2023), epistemicídio (Carneiro, 2023), ocultamento dos processos de dominação (Gonzalez, 1984), autohistórias (Anzaldúa, 1987) e ficção como arma de guerra (Ribeiro, 2024), visando criar imaginários de outros mundos possíveis.

Palavras-chave: gênero e sexualidade, autohistórias, pedagogias dissidentes, transgeneridades, arte-educação.

[1] Trabalho oriundo de projeto de pesquisa no Doutorado em Educação no PPGE/FACED/UFBA, sob orientação do Prof. Dr. Rafael Siqueira de Guimarães.

[2] Doutorande do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia – UFBA, e docente de Artes no IFSP Campus Registro, rene.bernardes@ifsp.edu.br.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um projeto de pesquisa no Doutorado em Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA) em que serão entrevistades estudantes e servidores dissidentes de gênero e afetividade no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), como esta autoria, que é pessoa trans não binária e docente de Artes, para escrever autohistórias de (re)existência, produção de vida e sonhos, através de narrativas (auto)biográficas e produções audiovisuais criadas pelos participantes com mediação artística da pessoa autora, que é membro do Núcleo de Gênero e Sexualidade (NUGS) do IFSP.

Serão escritas autohistórias sobre os modos de (re)existência e produção de vida que estudantes e servidores dissidentes de gênero, afetividade e sexualidade têm construído como dignidade para si e para sua comunidade, bem como seus desafios, potências e desejos a partir do que falta e do que transborda na instituição e para além dela, nas relações de bando, agrietamento e afetividade. Para tanto, busca mapear as condições pedagógicas, subjetivas e laborais envolvidas nas ações de violência e (re)existência de gênero no IFSP e considerar a relevância da arte e da educação como modos de desestabilizar Cistemas cisnormativos.

Assim, pretende-se contribuir para a construção de imaginários e de dignidade para pessoas dissidentes, especialmente aquelas marcadas por aspectos socialmente subalternizados, como raça, classe, idade, capacidades físico-cognitivas, corporalidade, bem como sua permanência no espaço acadêmico e laboral no IFSP, garantindo seu direito à educação, trabalho, seguridade social e acesso aos espaços que desejam ocupar.

Em 2019, “o Ipea incluiu pela primeira vez no atlas a violência contra a população de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e intersexuais. A avaliação é de que a situação tem se agravado e que a população sofre de invisibilidade na produção oficial de dados e estatísticas” (Lisboa, 2019), tão silenciosa é a violência contra pessoas LGBTQIAP+. Esta se realiza por meio de danos morais, psicológicos, patrimoniais, físicos e de restrições ao acesso a direitos sociais, como saúde, educação, trabalho e moradia. Isso se dá devido aos epistemicídios (Carneiro, 2023) e às perseguições da cis-heteronormatividade branca, que se esgueira em um processo de vigília coletiva que discrimina os corpos racialmente e os cisgenerifica compulsoriamente, punindo aqueles contrários à ordem do Cistema.

METODOLOGIA

Este trabalho apresentará seu referencial teórico, como os conceitos de cisnormatividade e Cistema (Vergueiro, 2015), o ato de nomear a norma (Mombaça, 2016), cis-heterossexismo (Carvalhal; Santana, 2023), ideologia (Patto, 2023), epistemicídio (Carneiro, 2023), ocultamento dos processos de dominação (Gonzalez, 1984), autohistórias (Anzaldúa, 1987) e ficção como arma de guerra (Ribeiro, 2024). Apresentará ainda a metodologia de pesquisa que pretende utilizar, a partir das autohistórias e do método (auto)biográfico (Passeggi; Souza, 2017), levantado por meio de questões propulsoras de narrativas e da mediação de um processo criativo de produções audiovisuais, bem como exibições das mesmas no IFSP.

"Autohistoria é um termo que uso para descrever o gênero de escrever sobre a própria história pessoal e coletiva, utilizando elementos fictícios, uma espécie de autobiografia ficcionalizada ou memória. A autohistoria-teoria é um ensaio pessoal que teoriza" – tradução de Figueiredo (2017) de Gloria Anzaldúa (1987), escritora lésbica chicana e primeira autora a utilizar o termo *cuir* para se referir a pessoas dissidentes. Anzaldúa cria o conceito *la mestiza*, que, fragmentada por identidades plurais, acolhe suas controvérsias. Minha própria autohistória deve ser incluída entre as demais, por ser também uma pessoa dissidente, trans não binária, pansexual, não monogâmica e docente do IFSP.

Esta pesquisa se apoia ainda no método (auto)biográfico, fortalecido como método de pesquisa em educação no Brasil, no qual o sujeito aparece como "autor, narrador, agente social e personagem de sua história" (Passeggi; Souza, 2017, p. 8) e o qual, segundo as pessoas autoras, inverte as relações entre pensamento/cognição e linguagem.

> O sujeito, em todas as fases da vida, apropria-se de instrumentos semióticos (a linguagem, o grafismo, o desenho, os gestos, as imagens etc.) para contar suas experiências sob a forma de uma narrativa autobiográfica que até então não existia. E nesse processo de biografização, a pessoa que narra, embora não possa mudar os acontecimentos, pode reinterpretá-los dentro de um novo enredo, reinventando-se com ele (Passeggi; Souza, 2017, p. 8).

As (auto)biografias objetivam

> a compreensão da historicidade do sujeito e de suas aprendizagens, o percurso de formação e, sobretudo, de emancipação, promovida pela reflexividade autobiográfica que, superando a curiosidade ingênua, cede lugar a curiosidade epistemológica e a constituição da consciência crítica. A pesquisa passa a fazer parte integrante da formação e não alheia a ela (Passeggi; Souza, 2017, p. 15).

Este projeto visa mapear autohistórias de (re)existência às violências estruturais de gênero, afetividade e sexualidade no IFSP, através de entrevistas a estudantes e servidores, por meio de questões propulsoras iniciais que auxiliem a atingir os objetivos deste projeto e possibilitar a cocriação da conversa. Serão narradas autohistórias a partir de entrevistas e do processo criativo de textos verbais e audiovisuais gerados a partir do contato entre a pessoa pesquisadora e os participantes sobre suas vivências na e através da instituição. A pesquisa deverá questioná-los sobre sua vida acadêmica, profissional e pessoal em seus campus e região e suas formas de (re)existência possíveis sobre as opressões sofridas nestes ambientes.

As entrevistas serão feitas por meio de narrativas pessoais de modo dialogado, considerando os participantes como sujeitos com suas histórias de vida como pessoas dissidentes de gênero, afetividade e sexualidade, com foco na sua relação com as comunidades do IFSP. Estes serão inspirados a falar sobre sua trajetória acadêmica, profissional e pessoal no IFSP, suas construções de vida e dignidade e sonhos.

Em uma segunda etapa, se realizará uma ação arte-educativa em que serão apresentadas artistas trans negras e indígenas e será mediada a criação de produções audiovisuais a partir de suas autohistórias, sonhos e o que lhes pulsa a partir dos encontros e obras, com as linguagens artísticas da preferência de cada um, as quais serão exibidas em mostras intimistas e/ou públicas nos campus participantes.

REFERENCIAL TEÓRICO

As violências contra pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgêneras, transexuais, travestis, queer, intersexo, assexuais, arromânticas, pansexuais e demais identidades sexuais, afetivas e de gênero em dissidência à cis-heteronormatividade (LGBTQIAP+), especialmente aquelas quais sejam negras, indígenas e marcadas por outros aspectos socialmente marginalizados não estão ausentes no IFSP. Pelo contrário, compõem sua estrutura eurocêntrica, androcêntrica, branca, capacitista, cis-heteronormativa, aporofóbica e etarista, ainda que haja tentativas de transformação deste cenário por parte de sua comunidade através de iniciativas pessoais e coletivas, dentro ou fora de núcleos institucionais. Tal estrutura reproduz o Cistema (Vergueiro, 2018) cisnormativo a que estamos submetidos, que divide e hierarquiza colonialmente sujeitos de acordo com gênero, raça, sexualidade e seus entrecruzamentos.

Neste, são previstas algumas raças hierarquizadas e apenas dois sexos supostamente possíveis, designados sobre corporalidades supostamente binárias. Sobre estes são postos dois conjuntos considerados inatos e imutáveis de performance e desejo, compondo os dois ditos únicos gêneros no Cistema, que marginaliza sujeitos desviados da norma.

Para Jota Mombaça (2016), é preciso nomear a norma – cisgênera, branca. Ao nomeá-la, a retiramos do centro em sua autoproclamada universalidade e a indicamos como específica, provinciana. Tito Carvalhal e Bruno Santana (2023) corroboram com o exposto, escrevendo sobre as regulações e desqualificações a que estão expostas as pessoas dissidentes.

> Nas normas instauradas por essa estrutura de poder, aportada aqui desde o início do processo de colonização, o cis-heterossexismo atua como mais um dispositivo de regulação interseccionalmente binário da expressão humana, nos seus mais variados aspectos: no acesso ou não a elementos e recursos produzidos pela humanidade e os já existentes; nos espaços e lugares sociais permitidos e/ou proibidos ; nas nossas expressões e nas nossas consumações afetivas sexuais…, desconsiderando e/ou desqualificando as existências de pessoas trans e travestis, gays, lésbicas, bissexuais, pessoas intersexo, entre outras (Kaas, 2012) (Carvalhal; Santana, 2023: 101).

É possível enxergar isso, com muita nitidez, na acolhida que projetos como o “Escola Sem Partido” recebem por parte de indivíduos também massacrados pelo jugo da opressão e exploração, fruto dessa mesma estrutura que nos querem reprodutores de sua moral tacanha; nas culpas que internalizamos, quando nos deparamos com nossas inadequações e desobediências e que nos fazem maltratar a nós mesmas e às outras (Carvalhal; Santana, 2023: 102). Para os autores (2023), muitas vezes reproduzimos as lógicas de uma ideologia (Patto, 2022) alienante que se passa como neutra, apontando a denúncia de seu ordenamento artificial e opressor como ideológica, como é o caso da Ideologia de Gênero, inventada por setores conservadores para perseguir debates de gênero nas escolas.

> É possível enxergar isso, com muita nitidez, na acolhida que projetos como o “Escola Sem Partido” recebem por parte de indivíduos também massacrados pelo jugo da opressão e exploração, fruto dessa mesma estrutura que nos querem reprodutores de sua moral tacanha; nas culpas que internalizamos, quando nos deparamos com nossas inadequações e desobediências e que nos fazem maltratar a nós mesmas e às outras (Carvalhal; Santana, 2023: 102).

A ideologia (Patto, 2022) oculta a disseminação de outras representações que desafiem sua hegemonia como única possibilidade narrativa e utiliza-se de diversos aparatos para se sustentar, como o epistemicídio (Carneiro, 2023) e o ocultamento dos processos de dominação (Gonzalez, 1984).

> Entendemos por ideologia "linguagens e discursos que representam o real e que mantêm com seu objeto uma relação ilusória, inversora, antitética de *desconhecimento* e uma relação perceptiva, reprodutora, tética, eficaz, de *reconhecimento*" (Cf. Sastre: 17), de onde se depreende que estes sistemas de representação não permitem uma relação de *conhecimento* com o*s* objetos que representam (Patto, 2022: 121).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A negação do processo artificial de construção das ditas verdades que sustentam o Cistema colonial serve à manutenção do poder da branquitude cisgênera, que dissemina a crença em uma história universal. Queremos, então, a partir deste projeto, contar autohistórias (Anzaldúa, 1987) narradas e criadas por corpos dissidentes no IFSP, permitindo a existência de subjetividades outras nesta instituição.

O contrato racial cis-heteronormativo "requer que a autoridade epistêmica sancione uma série de mitos e representações falsas a respeito dos não brancos e de suas capacidades políticas, morais e cognitivas" (Carneiro, 2023, p. 88), bem como dos não cisgêneros.

Tal falseamento conflui (Bispo dos Santos, 2023) com a ideia da cineasta Anti Ribeiro (2024) de "Ficção como arte de guerra", posto que a "realidade" do Cistema em que vivemos é sustentada por uma série de ficções arquitetadas como verdades (únicas) com o propósito de manter a governança. A cineasta propõe então pensar a criação de ficções como alavanca para invenção de outros mundos possíveis, visto que toda e qualquer realidade parte de especulações e sonhos individuais ou coletivos.

Sujeitos com a memória (Gonzalez, 1984) viva são capazes de hackear os instrumentos do biopoder e utilizá-los de modo contracolonial para criar caminhos outros, como fez a artista encantada e inventora de vida Meujaela Gonzaga, na série "Horizonte de exterioridade radical" (2022), inspirada na ideia de Ailton Krenak (2019) de criar paraquedas coloridos enquanto este mundo está em queda, criando cosmologias outras, a despeito das cosmofobias (Bispo dos Santos, 2023) do Cistema. Confabulamos com Jota Mombaça (2021) que afirma que eles "não vão nos matar agora". É por este motivo que nos apoiamos no método (auto)biográfico em educação, onde "a pessoa que narra, embora não possa mudar os acontecimentos, pode reinterpretá-los dentro de um novo enredo, reinventando-se com ele" (Passeggi; Souza, 2017: 8). Este se conecta ainda à autoficção ou fabulação de novos imaginários propostas por Haraway (1995), que defende uma escrita encarnada, corporificada.

A negação do processo artificial de construção das supostas verdades que sustentam o Cistema colonial serve à manutenção do poder da branquitude cisgênera, que dissemina a crença em uma história única – e perigosa, como bem nos alerta a intelectual nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019) – por ela escrita. Queremos contar autohistórias (Anzaldúa, 1987) narradas e criadas por outros corpos no IFSP, permitindo a existência em dignidade de subjetividades outras nesta instituição. Queremos contar histórias outras que desestabilizem a hegemonia das ideologias do Cistema e permitam a existência digna de outras subjetividades e a construção de outro(s) mundo(s), como sugere Milton Santos, citado por Carvalhal e Santana (2023):

> Para Santos (2010, p. 11), na perversidade sistêmica, "em um mundo datado como o nosso, a explicação do acontecer pode ser feita a partir de categorias de uma história concreta". Ainda segundo ele, "é isso, também, que permite conhecer as possibilidades existentes e escrever uma nova história" (Carvalhal; Santana, 2023: 103).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se sustenta em uma perspectiva contracolonial, proposta pelo Mestre Nego Bispo (Bispo dos Santos, 2023) como oposta à cosmofobia (ibidem), que discrimina ontologias e epistemologias escritas por autorias não eurocentradas: "estamos tirando o veneno do colonialismo para transformá-lo em antídoto contra ele próprio" (ibidem).

Nesta pesquisa de Doutorado em Educação na UFBA serão entrevistadas pessoas estudantes e servidoras trans do IFSP maiores de idade (como esta autoria, que é docente e não binária), para escrever autohistórias de (re)existência e sonhos dissidentes na instituição, verbais e audiovisuais, a partir de processos criativos mediados por esta pessoa autora. O IFSP foi selecionado entre os diversos Institutos Federais por ser meu local de atuação, permitindo acessos e afetos nas relações com os participantes. Sendo a pessoa autora membro do NUGS e do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI), esta pesquisa gerará ainda como contrapartida ao IFSP a geração de dados para promover ações afirmativas e maior senso de pertencimento às pessoas trans na instituição.

Esta pesquisa escreverá narrativas outras neste ambiente educacional, laboral e acadêmico, contribuindo para a fabulação de sonhos, criação de imaginários e produção de vida, existência, dignidade, pertencimento, permanência e êxito de pessoas trans no IFSP. Afinal, como disse a poeta brasiliense Tatiana Nascimento, "sonhar é sobre a luta de achar caminhos pra manter nossos sonhos acordados" (Nascimento, 2025).

AGRADECIMENTOS

Agradeço à inventora de vida encantada Meujaela Gonzaga, artista jogadora inspiradora de toda uma comunidade afetiva na criação de realidades possíveis e de paraquedas coloridos, como nos sugeriu Ailton Krenak (2019), para brincar enquanto este mundo está em queda.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Cia das Letras, 2019

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: The New Mestiza.** San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu, 2023.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CARVALHAL, Tito; SANTANA, Bruno. Contra existências impedidas, reexistências transpiradas em Fran Demétrio: "Receba da vida e da glória da trava". In: VIÉGAS, Lygia S.; OLIVEIRA, Elaine C.; MESSEDER NETO, Helio S. **Existirmos, a que será que se destina? Medicalização da vida e formas de resistência**. Salvador: EDUFBA, 2023, p. 99-122.

GONZAGA, Meujaela. "Série Horizonte de exterioridade radical". In: **Meujael Gonzaga Wix Site**. Disponível em: https://meujaelgonzaga.wixsite.com/site/projects-3. 2022. Acesso em: 04/02/2025.

GONZALEZ, Lelia. "Racismo e sexismo na cultura brasileira". In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. In: **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LISBOA, Vinicius. "Publicação – Divulgado o Atlas da Violência 2019". In: **Ministério Público do Paraná**. 2019. Disponível em: crianca.mppr.mp.br/2019/06/135/PUBLICACAODivulgado-o-Atlas-da-Violencia-2019.html

MOMBAÇA, Jota. "Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência". In: **Caderno de Imaginação Política**. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016.

NASCIMENTO, Tatiana. Divulgação do curso online "Para manter nossos sonhos acordados" na brav.a em 19 e 20/04/2025. In: **Tatiana Nascivento no Instagram**, 2025. Disponível em: www.instagram.com/p/DIcUtvsvt9v/?img_index=9. Acesso em 24/05/2025.

PASSEGGI, Maria C.; SOUZA, Elizeu C. "O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional". In: **Investigación Cualitativa**, 2017, 2(1), p. 6-26.

PATTO, M.H.S. A constituição da Psicologia Científica. In: **Psicologia e ideologia: uma introdução crítica à Psicologia Escolar**. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, 2022, p. 117-163.

RIBEIRO, Anti. "Oficina: Ficção como arma de guerra". Realizada em 16/11/2024. In: **Festival Paraquedas**. Palmeiras, 2024.

VERGUEIRO, Viviani. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos. Salvador, 2015.